

Um olhar sobre a linguagem de adolescentes de classe socioeconômica privilegiada

*Lígia Mothes**

*Nara Beatriz Kreling da Rosa***

Resumo: Este artigo se propõe a analisar as possíveis diferenças na expressão oral entre os gêneros masculino e feminino à luz das teorias sociolinguísticas. O estudo orientou-se pela pergunta “Homens e mulheres se expressam de forma diferente em suas interações sociais?” A pesquisa foi feita a partir de entrevistas realizadas com alunos de ambos os sexos, com idade entre 15 e 18 anos, de uma escola da rede privada de ensino, situada em bairro de classe social privilegiada de Porto Alegre. Os resultados revelaram que, embora poucas, as diferenças existem nessa comunidade em estudo e foram expressas por variações linguísticas nos diferentes níveis sintático, fonético/morfológico e discursivo. Com este estudo, buscou-se contribuir para os estudos sociolinguísticos que envolvem o vínculo entre gênero/sexo e linguagem.

Palavras-chave: Sociolinguística, Gênero/sexo, Variação, Variável.

Abstract: This research investigates the existence of argumentative differences in speech between the male and the female genders under the light of sociolinguistic theories. The study

was oriented by the question “Do men and women talk differently in social interactions?” and had its corpus composed by speeches produced by secondary students of both genders, aged 15 and 18, from a private educational institution of the top class in the city of Porto Alegre. The results revealed that, although few, differences exist in this community under study, and were expressed by different levels of syntactic, phonetic, morphologic and discursive issues. With this study, we tried to contribute to sociolinguistic studies which involve the link between gender/sex and language.

Keywords: Sociolinguistics, Gender/sex, Variation, Variant.

Introdução

A variação linguística é um fenômeno complexo, pois fatores estruturais inter-relacionam-se com os fatores funcionais na conformação dos repertórios sociolinguísticos dos falantes. Posicionamo-nos diferentemente diante de modos de falar correlacionados a fatores sociais/externos, tais como escolaridade, nível econômico, idade, etnia, gênero/sexo.

O provérbio popular: “Dize-me com quem andas que eu te direi quem és” encontra respaldo na teoria da variação linguística de William Labov. Cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convive em nossa rede social. Sabemos que a rede social de um indivíduo, que é constituída pelas pessoas com quem ele interage nos diversos domínios sociais, é também um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico.

No momento em que se estabelece a norma padrão de linguagem, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas *impróprias, inadequadas, feias, erradas, deficientes e pobres*, inclusive. Isso ocorre

por conta do preconceito linguístico, tão amplamente discutido na obra de Marcos Bagno (1999).

A linguagem dos adolescentes e sua variação linguística está diretamente relacionada aos espaços interacionais em que se constroem as identidades sociais desses sujeitos. Assim, essa categoria é construída a partir de práticas sociais e contribui para enriquecer essa diversidade, uma vez que se apresenta com certa relevância e significativo poder de interferência na comunidade de fala dos indivíduos.

Desde que nascemos, vivemos cercados pela noção de gênero/sexo: na conversação, no humor, nos conflitos, nas brincadeiras, na escola, nos esportes, no lazer. O gênero/sexo é lembrado para explicar quase tudo, desde o estilo de dirigir ao gosto pela comida. Isso nos parece natural e é aceito sem questionamentos.

A categoria gênero/sexo, entretanto, tem sido alvo de grande discussão teórica e vem sendo reconhecida como uma das mais complexas dentre outras categorias sociais. Em linhas gerais, sexo refere-se a diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, ao passo que gênero inclui aspectos sociais e diferenças psicológicas no que concerne a papéis sociais, oportunidades e expectativas.

Analisando a maneira pela qual a linguagem e o gênero se relacionam em microcategorias nas redes sociais e nas comunidades de prática, podemos afirmar que o “[...] gênero é tido como um aspecto da identidade, visto que ele é construído social e culturalmente por meio de interações e práticas sociais”, conforme expõe Cristine Severo (2008, p. 59). Da mesma forma, explicam Ekert e McConnell-Ginet (2006), que o gênero não se resume a algo com o qual já se nasce, não é algo que se possui, mas algo que se faz. Em razão disso, na etapa da coleta de dados deste trabalho, utilizou-se a nomenclatura sexo/gênero como representante de uma variável social, identificável para os propósitos de análise.

Homens e mulheres falam de forma diferente. É óbvio que a altura de voz e o seu timbre, de imediato, permitem que concordemos com essa afirmativa. Sob o ponto de vista fisiológico, os homens possuem voz mais grave (timbre) e mais baixa (volume). As mulheres possuem voz mais aguda, uma oitava

mais alta na escala, e mais alta no volume. No entanto, a questão que interessa à Sociolinguística é *quanto* – em que limite –, e *como* – de que forma –, fenômenos linguísticos variáveis estão correlacionados ao gênero/sexo dos falantes.

Sob o ponto de vista lexical, podemos dizer que certas palavras ou expressões se situam melhor no discurso masculino, já outras são próprias da fala feminina. Não raras vezes, ouvimos expressões preconceituosas em relação aos diferentes sexos, tais como “Não fica bem para uma garota falar desta forma!”, “Quem diz palavrão é o homem!”, estereotipando comportamentos masculinos e femininos. Embora esse valor cultural ainda esteja em pauta em algumas sociedades, na oriental principalmente, ele vem perdendo força nas sociedades ocidentais, e é cada vez menos utilizado em nosso meio. Assim, esse valor vai, aos poucos, tendendo ao seu desaparecimento.

O comportamento linguístico dos indivíduos contribui para marcar e caracterizar as diferentes fases da vida. Atualmente, crianças e adolescentes têm mais oportunidades de se expressarem e de serem ouvidos pelos adultos. Com isso, eles vêm conquistando e, até mesmo impondo, uma posição de destaque na hierarquia social. Consequentemente, a linguagem dos nossos jovens vem se estendendo largamente, ocupando espaços de forma a interferir na fala dos pais, contaminando-os com os neologismos de suas comunidades de fala, especialmente àqueles que ainda não resolveram adequadamente questões de sua própria adolescência. Dessa forma, acredita-se que o estudo da linguagem dos adolescentes é merecedor de um olhar mais atento e cuidadoso por parte dos pesquisadores sociolinguístas.

Metodologia

Assumindo a hipótese clássica de que a língua de um indivíduo se constitui até cerca de seus quinze anos de idade, optamos por investigar a fala de jovens, meninos e meninas, entre 15 e 18

anos. De acordo com os seguidores dessa hipótese, a linguagem dos indivíduos de 15 anos corresponderia ao estado de língua atual.

Os alunos participantes da pesquisa cursam o nível de escolarização do segundo ano do Ensino Médio. O grau de escolarização de um indivíduo e a qualidade de ensino da escola frequentada também influenciam seu repertório sociolinguístico. Observamos ainda que os fatores de escolaridade estão intimamente ligados ao *status* socioeconômico da sociedade brasileira. As diferenças de *status* socioeconômico representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, e isso vem a se refletir em diferenças sociolinguísticas. Todas essas variantes constituem a comunidade de fala dos sujeitos que participaram dessa pesquisa.

Os sujeitos pesquisados, constituídos em número de 20, sendo 50% formados por meninas e 50%, por meninos, são alunos de uma escola particular da rede de ensino, situada em um bairro nobre de Porto Alegre. Portanto, são estudantes de um nível socioeconômico favorecido. Aqui cabe referir que optamos por não usar uma terminologia convencional de classificação dos níveis socioeconômicos. Escolhemos, então, os termos *privilegiada e favorecida* para adjetivar a classe socioeconômica dos indivíduos participantes deste trabalho. Levamos em consideração o critério das condições econômicas dos pais dos alunos que, por terem um bom poder aquisitivo podem proporcionar a seus filhos uma escola que atende a clientela da classe A, cuja mensalidade cobrada é um valor acima da média.

Esta pesquisa foi realizada no final do ano letivo de 2007, nos horários dos intervalos de aula, momento esse em que os alunos costumam formar pequenos grupos para conversas informais. A pergunta feita aos alunos era a seguinte: “O que vocês

conversam quando estão reunidos/as durante o recreio?” As respostas dos alunos foram gravadas e posteriormente transcritas.

A justificativa da pesquisa dada aos estudantes era de que as pesquisadoras tinham como foco de interesse conhecer sobre a temática da questão dirigida a eles para um posterior estudo. Acreditou-se que, dessa forma, os alunos se sentiriam mais animados a responder à questão, sem se preocuparem com o modo de se expressar, além do mais, eles não se identificariam, o que lhes deixaria mais à vontade em seus depoimentos.

Variante sintática/morfológica X gênero/sexo

A fala dos estudantes entrevistados representa nitidamente uma comunidade de fala em determinado tempo e espaço. Nos depoimentos dos 20 estudantes entrevistados, constatamos que, tanto no caso dos meninos quanto no das meninas, em nenhuma situação foi usado o pronome *nós* ao referirem-se à primeira pessoa do plural. Esse dado é apenas mais uma constatação a ser acrescida às pesquisas já realizadas, as quais indicam que, considerando um espaço de tempo mais largo, não se pode descartar a possibilidade de que a substituição do pronome pessoal *nós* pela expressão *a gente* possa se consumir. A alternância entre *nós* e *a gente* ilustra o jogo de forças entre o formal e o semântico na definição dos limites da variação e dos caminhos da mudança que tendem a uma informalidade.

Vejamos um exemplo na fala de dois alunos de 16 anos ao responderem à questão sobre *o que os meninos conversam durante o recreio*:

Aluno 4: “depende o momento... tem horas que *a gente* só fala de mulher... tem horas que *a gente* só fala de futebol”

Aluno 3: “... (intromissão do aluno 3) é tipo agora que *a gente* só tava falando de futebol”

Aluno 4:“ e tem horas que *a gente* só fala das nota (risada).”

E de uma menina de 15 anos, sobre *o que elas conversam nos recreios:*

Aluna 2 “Eu tenho quinze anos e o que *a gente* mais conversa é sobre os garotos, sobre viagens, férias, sobre, ã...os trabalhos do colégio, também o que *a gente* vai vesti, as festas. É isso.”

Os resultados de pesquisa em tempo aparente revelam que se pode presumir que a utilização da expressão *a gente*, para referir-se à primeira pessoa do plural, aumentará gradualmente na fala de gerações sucessivas. Tudo indica que isso se espalhará por toda comunidade de fala.

Consideremos a variante na concordância entre verbo/sujeito nos dados de nossa pesquisa. Nenhum falante, de ambos os sexos, apresentou falta de concordância nominal e verbal – entre sujeito e predicado. Na pesquisa de Scherre (1996), quanto à correlação entre gênero/sexo e uma variável morfossintática, embora tenha encontrado a marca de plural em todos os elementos do sintagma nominal entre os falantes do sexo feminino, no sexo masculino, essa marca diminui sensivelmente.

Na pesquisa realizada com os adolescentes de classe socioeconômica privilegiada, esse aspecto pode ser observado nos recortes das falas abaixo. No gênero/sexo feminino:

Aluna 7: “Eu acho que quando *as mulheres* assim se *encontram* pra conversar sobre uma coisa, *elas falam* principalmente de maquiagem.” (16 anos)

E no gênero/sexo masculino:

Aluno 7: “Ah, futebol, (risadinha)... mulher eeee..., é que depende da situação assim, né? Ããã... De noite... mais sobre *mulheres*, assim, de tarde, acho que... o quê? Sobre futebol ou... sobre o que *vai fazer* assim de noite, assim, né? Acho que é isso.” (16 anos)

Observamos que, nesse caso, mesmo estando implícito, o sujeito *a gente* – desinencial – concorda com o predicado *vai fazer*. O que nos chama a atenção é o fato de que o entrevistado, embora sendo do sexo masculino, apresenta a concordância correta em sua fala, evidenciando correção na concordância verbo-nominal, diferentemente do que foi posto por Scherre (1996).

O estudo de Naro e Scherre (1993) revela que há um aumento significativo nas taxas de concordância verbal e nominal para todos os indivíduos. De modo geral, as falas de homens e de mulheres de classe social mais elevada são as que mais seguem a norma padrão em relação às outras classes sociais. Os adolescentes apresentam uma diferença na categorização da linguagem, que muito influenciam nas variações de acordo com as classes sociais, com as atividades escolares e com as características socioeconômicas da família. No caso desta pesquisa com jovens de classe socioeconômica favorecida, o grau de monitoramento da fala pode também ser justificado pelo nível de escolaridade dos pais. Outro aspecto a ser considerado fortemente em grupos de adolescentes é o de que os falantes detentores de maior poder, quer por uma liderança legítima, quer pela pressão psicológica ou status econômico, transferem esse poder também para a variedade linguística.

Embora pesquisas afirmem que a marca de plural nos elementos do sintagma nominal entre os falantes do sexo masculino diminuiu sensivelmente, verificamos, na análise da pesquisa, que foi atingida uma homogeneidade linguística nas falas, ou seja, tanto os meninos quanto as meninas realizaram a concordância de número junto aos substantivos e adjetivos. Os casos em que deixaram de fazê-la foram em número reduzido. Esses dados que comprovaram uma igualdade entre as falas de meninos e de

meninas poderão vir a indicar que a classe social é mais decisiva que a questão do gênero. A força do grupo e a necessidade psicológica de formarem uma identidade, associada à escolaridade dos pais e a dos adolescentes também são fatores marcantes e decisivos para essa padronização. Esses jovens evidenciam um comportamento linguístico que se adequa aos padrões da norma culta. Vejamos, então, um exemplo da fala de cada gênero em relação a essa concordância.

Aluno 6: “Falando de futebol e de notas. Agora a gente tava discutindo sobre o jogo de futebol que *eles* vão realizar entre *turmas*. Só isso.” (16 anos)

Aluna 1: “o qui a genti mais conversa é sobreee... moda, o quiqui a genti vai vesti nas festinha..ããã...sobre os meninos, como eles são imaturos...como, (risada) ahah. *Das atitudes que eles tomam*, ã, da praia também: como a gente vai, si a gentie vai pra praia, si a gentie vai passá de ano, basicamenti isso. Tudo em torno dissu.” (15 anos)

Deixaram de concordar:

Aluno 4: “... e tem horas que a gente só fala das *nota*.” – risada (16 anos)

Aluna 1: “Eu tenho quinze anos i o qui a genti mais conversa é sobreee... moda, o quiqui a genti vai vesti *nas festinha*...” (15 anos)

No aspecto morfológico, as mudanças que ocorrem na interação dinâmica entre indivíduo e comunidade podem fazer com que um signo, ao longo do tempo, adquira significados diversos para faixas etárias distintas. Vejamos a expressão *tipo*, considerada um jargão entre os adolescentes atuais, nas respostas a seguir:

Aluna 5: “Eu tenhu quinze anos, e quando eu tô com minhas amigas eu converso sobre... sobre diversas coisas *tipo* tv, ãã, roupas, guris, festas, i muitas vezis sobri coléguiu, sobre notasi tudo mais. Acho que é maizumenus sobri isso qui eu conversu.” (15 anos)

Aluno 4: “Tem horas que a gente só fala de futebol, *é tipo* agora que a gente só tava falando de futebol. (16 anos)

A expressão *tipo* é aplicada pelos adolescentes para definir uma ampla série de outras situações. Em alguns casos, fica claro o significado que essa palavra veicula, pois *tipo* apresenta-se como sinônimo da conjunção *como*.

Variante fonológica/fonética X Gênero/sexo

Pesquisas indicam que as mulheres utilizam mais a forma padrão sem a supressão da vibrante *R* em relação aos homens. Vejamos os exemplos encontrados na fala de adolescentes de sexo masculino e feminino em que a palavra *mulher* foi aplicada. Em ambos os sexos, os jovens emitiram o *R* vibrante no final da palavra, ou seja, não usaram a palavra *mulhé*, comumente usada por homens de classe menos favorecida.

Aluno 1: “Muito é...tem *mulher*, esporte, nota e... sei lá... a vida dos pais e tal, né, é isso aí. Praticamentch é isso.” (17 anos)

Aluno 3: “Sob *mulher* ou esporti, e ... he, he, he.. É só isso.” (16 anos)

Os casos abaixo exemplificam a supressão da consoante *R*, entre meninos e meninas, no final de um verbo, que pode ser considerado como linguagem padrão.

Aluno 6: “...Falando de futebol e de notas. Agora a gente tava discutindo sobre o jogo de futebol que eles vão *realiza* entre turmas. Só isso.” (16 anos)

Aluno 5: “... É claru, e o Grêmio vai *ganhá* (intromissão do aluno

Aluno 2: claro que não: o Colorado é que vai *ganhá*). É grenal entendeu agora.” (17 anos)

Aluna 2: “...o que a gente mais conversa é sobre os garotos, sobre viagens, férias, sobre, ã...os trabalhos do colégio, também o que a gente vai *vesti*, as festas. É isso.” (15 anos)

Aluna 9: “...Ã... eu tenho quinze anos, e o que eu mais conver... converso com as minhas amigas é sobre o futuro agora que é o verão, que a gente vai *aproveitá* bastante e a gente tá muito entusiasmada com o segundo ano agora. É isso.” (15 anos)

Um outro exemplo de supressão, agora do caso da letra *E*.

Aluno 1 “Muito é...tem mulher, *sporte*, nota e... sei lá... a vida dos pais e tal, né, é isso aí. Praticamente é isso.” (17 anos)

No caso do que foi grifado na fala acima, percebe-se que houve supressão do *E* inicial na palavra *esporte*. Constatamos que isso ocorreu considerando a qualidade do contexto, ou seja, o *status* morfológico da palavra anterior. Como a palavra *mulher* que antecede a palavra *esporte* já apresenta um *E* na sílaba final, esta se aglutina com o *E* da sílaba inicial da palavra seguinte – *esporte*, ocasionando a supressão.

Há um caso em que foi observada a supressão da vibrante *R* no meio da palavra, que pode ser justificada pelo ritmo da fala da adolescente que é marcada pela oscilação de voz ora acelerada, ora por uma entonação mais *arrastada*, próprio de algumas gurias porto-alegrenses.

A maneira de falar caracteriza o gaúcho porto-alegrense. O gaúcho fala com fraseamento silábico. Escutamos dizer, muitas vezes, que a fala do gaúcho aproxima-se ao ritmo de *milonga*. Isso ocorre porque nossa prosódia está mais próxima da língua espanhola do que da língua portuguesa. Toda a variedade regional é antes de tudo um instrumento identitário.

Semelhante a esse comportamento, existem *status* de fala que oprimem os dialetos. Como exemplo disso, podemos citar o caso de famílias de origem alemã, cujos filhos, ao ingressarem na escola, aprendem a se expressar na língua padrão, ou seja, utilizam a norma culta do idioma nas interações comunicativas.

Com isso, acabam corrigindo seus pais em casa, deixando-os, muitas vezes, constrangidos.

Ainda a respeito do instrumento identitário, observamos que as alunas mais novas falam com entonação mais *arrastada* em relação às suas colegas mais velhas. Esse comportamento social justifica-se pelo fato de que as meninas mais jovens, que desejam fazer parte de determinada *tribo*, se esforçam para inserir-se e serem aceitas no grupo, evitando, dessa forma, serem segregadas. Os falantes que têm maior prestígio no grupo social acabam por interferir na linguagem utilizada pelos demais elementos, os mais jovens do grupo. Vejamos as falas das seguintes alunas, que foram transcritas da maneira que nos foi possível identificar os fenômenos que estão sendo analisados:

Aluna 5: “Eu tenhu quinzie anos, i quandu eu tô cum minhas amigas eu conversu sobri, sobri *divéssas* coisas tiipo... tevê, ãã, ropas, guris, festas, i muitas vezis sobri coléguiu, sobre notas i tudu mais. Acho que é maiz u menus sobri isso qui eu conversu.” (15 anos)

Aluna 3: “Eu tenhu dzesseis anus. Quando eu tô com as minhas amigas eeu conversu sobri féésta, sobri istudos, agora nu finau du ããno, ãã, sobri vários assuntus na verdáádi assim... sobre rôpa, móda...” (16 anos)

Aluna 8: “Ã... eu tenhu quinzii anus i u qui eu falo com minhas amigas dependi muito da situação... i do qui istá acontecendu com a genti. Agora, nu finau du anu, a genti tá falandu quem é qui tá aprovada, quem não tá, o qui falta,... si a genti, si tem uma festa pertu a genti fala quem vai i não vai, u qui a gente vai usá. ãã... Si aconteci, assim, uma coisa importantii, a genti fala dissu, pur mais qui a genti, às vezis, fali, assim, muita bobagem, coisas sem importância. Mas... ondi a genti vai também, i cum quem a genti encontra. Issu, eu achu.” (15 anos).

No grupo de adolescentes do sexo masculino, essa prosódia *milongada* já não é tão marcada e recorrente quanto o é na fala das meninas.

Variante discurso X gênero/sexo

Quanto à abordagem da análise do discurso na relação gênero/sexo, diferentes pesquisas apontam para palavras de uso feminino com denotação familiar de carinho, de sentido afetivo. Entretanto, em culturas em que o afeto é generalizado, não há diferença na escolha lexical das falas. Deuchar (1988, *apud* HOLMES, *op. cit.*) defende a teoria de que as mulheres costumam usar uma maneira mais *gentil* como estratégia nas interações sociais em que elas têm menos poder. Mulheres querem impressionar pela fala polida.

Observa-se as marcas de feminilidade na fala abaixo pelo uso no diminutivo das palavras *fofoquinha e fulaninha*.

Aluna 6: “Tá... dezessete anos... eu acho que quando as gurias se reúnem, elas não falam tanto de guri quanto os gurus pensam, a gente fala mais de roupa, de festa, ã, de *fofoquinha* assim, a *fulaninha* falô mal da outra, ã, a gente fala bastante também de coisas do futuro, vestibular, trabalho, ã filhos também, ã essas coisas assim... umas coisas mais maduras que os meninos.” (17 anos)

As mulheres têm uma comunicação mais cooperativa e solidária e são mais ouvintes do que os homens. Elas usam mais essas estratégias discursivas para facilitar a introdução de outros dialetos, pois o nível de aceitação delas à introdução de novidades fonológicas em sua comunidade de fala é maior do que o deles. A seguir, atentemos para o discurso dos seguintes falantes:

Aluno 7: “Ah, futebol, (risadinha)... mulher iiiiii..., é que depende da situação assim, né? ããã ...De noite... mais sobre mulheres, assim, de tarde, acho que... o quê? Sobre futebol ou ... sobre o que vai fazer assim de noite, assim, né. Acho que é isso?” (16 anos)

Aluno 8: “Exatamente isso: de tarde é o que a gente vai fazer de noite, i... sei lá, a gente se programando pra alguma coisa... churrasco, sei lá. Recreio? Bah, recreio depende muito da situação tem muita coisa (interrupção de outro aluno) em quem a gente vai tocá bexiguinha (18 anos), he, he, he... É... Talvez isso.” (17 anos)

Aluno 4: “Depende o momento: tem horas que a gente só fala de mulher. Tem horas que a gente só fala de futebol, (é tipo agora que a gente só tava falando de futebol – intromissão do *Aluno 3*) e tem horas que a gente só fala das nota.” – risada (16 anos)

Constatamos que entre os meninos há um maior respeito em aceitar as ideias diferentes que surgem no grupo, pois não tentam contrariar o interlocutor nem impor-lhe seu ponto de vista. A exemplo disso, o operador argumentativo *talvez* utilizado no excerto mais anterior instaura uma posição neutra no discurso, pois apresenta uma hipótese, mas não afirma categoricamente. Na coleta de dados, não ocorreu uma situação semelhante a essa entre as meninas. No entanto, percebemos, pelas relações interpessoais do cotidiano da sala de aula, que as meninas tentam, de alguma forma, independentemente do sexo dos seus interlocutores, convencê-los, impondo-lhes seu ponto de vista. Essa atitude, muitas vezes, gera conflitos no grupo, criando subdivisões na turma. Os meninos costumam vir em defesa de outros meninos, já as meninas tendem a defender mais os meninos do que as próprias colegas do mesmo sexo.

Aluno 5: “Eh... também eu tava concordando com ele que agora a gente só tava falando só de futebol e sobre as notas... porque a gente tem jogo agora, também. É, claru, e o Grêmio vai ganha (intromissão do *Aluno 2*: claro que não: o Colorado é que vai ganha). É grenal entendeu agora.” (17 anos)

Homens são competitivos com temas que não dizem respeito à pessoa deles, enquanto as mulheres competem entre si.

Aluna 7: “Eu tenho dezesseis anos e acho que quando as mulheres assim se encontram pra conversá sobre uma coisa, elas falam principalmente de maquiagem, e o que que uma tem que a outra não tem, e sempre querem ser iguais comparando entre si. Acho que é isso – risos.” (16 anos)

Outro aspecto observado nos falantes de gênero masculino é a sua objetividade nos discursos.

Aluno 1: “Muito é...tem mulher, *sporte*, nota e... sei lá... a vida dos pais e tal, né? é isso aí. Praticamente é isso.” (17 anos)

Quase todos os adolescentes homens usaram a expressão *é isso* no final da fala, dando a entender que já haviam concluído o que gostariam de falar. Nesse sentido, a expressão é usada para encerrar a interlocução e seguir com outro tema de conversação.

A topicalização dos assuntos está diretamente relacionada à hierarquia de valores. O que eles citam primeiro corresponde ao que mais valorizam. Os assuntos conversados no horário do recreio que mais apareceram e que representam os valores masculinos foram: *mulher, futebol, esporte, carro, churrasco, o que farão à noite, notas*.

Aluno 2: “Mulher, carro e futebol.” (16 anos)

Aluno 10: “Ah, principalmente de futebol, mulher, e... é principalmente sobre isso, (interrupção de outro aluno que complementa) sobre as guria... (17 anos) e tem... sei lá, sobre algumas festas, quem vai ficá com quem, e tal, só isso... futebol, ah, sobre os time assim...fica...se um é melhor que o outro um tentando ser melhor que o outro ” (17 anos)

Os valores femininos apontados nas falas giram em torno de *roupas, do que vestir nas festas, moda, imaturidade dos meninos, praia, viagens, término do ano, trabalhos escolares, quem passará de ano*, entre outros.

Aluna 1: “Eu tenho quinze anos e o que a gente mais conversa é sobre... moda, o que que a gente vai vestir nas festinha...ããã...sobre os meninos, como eles são imaturos...como – risada – ahah. Das atitudes que eles tomam, ã, da praia também: como a gente vai, se a gente vai pra praia, se a gente vai passá de ano, basicamente isso. Tudo em torno disso.” (15 anos)

Aluna 2: “Eu tenho quinze anos e o que a gente mais conversa é sobre os garotos, sobre viagens, férias, sobre, ã...os trabalhos do colégio, também o que a gente vai veste, as festas. É isso.” (15 anos)

Aluna 4: “Tá, eu tenho dezesseis anos. Quando eu tô com meus amigos e amigas eu falou sobre moda, sobre política, sobre música, sobre.... sobre...tcho vê..., sobre internet, essas coisas... é isso aí.” (16 anos)

Aluna 6: “Tá... dezessete anos... eu acho que quando as gurias se reúnem, elas não falam tanto de guri quanto os guris pensam, ã a gente fala mais de roupa, de festa, ã, de fofquinha assim, a fulaninha falô mal da outra, ã, a gente fala bastante também de coisas do futuro, vestibular, trabalho, ã filhos também, ã... essas coisas assim..umas coisas mais maduras que os meninos.” (17 anos)

Considerações finais

O processo de mudança, iniciado na segunda metade do século XVIII, continua a avançar segundo as evidências apreendidas pela análise em tempo real, embora de forma lenta. Ao cruzar a variável gênero/sexo com outras variantes independentes como classe social, idade, estilo de fala e discurso, podem surgir padrões de correlações diferentes que destacam a relatividade entre o uso de variantes linguísticas e o gênero/sexo do falante. Alertamos que o efeito da variável gênero/sexo isolado camufla outros aspectos e outras complexas interações que devem ser examinadas no estudo da variação e mudança. Em nossa pesquisa com adolescentes de classe socioeconômica mais favorecida, constatamos uma maior heterogeneidade nos níveis morfológicos e fonéticos.

Existe uma maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas. As mulheres adultas tendem a liderar processos de mudança linguística, podendo estar uma geração à frente dos homens. Isso ocorre porque as mulheres têm mais contatos sociais, portanto trocam de estilo com mais frequência. Por outro lado, elas têm uma vantagem neurológica-verbal sobre os homens. Podemos também afirmar que há maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.

As mulheres usam, em maior proporção, a variação padrão, pois essa forma lhes permite protestar contra as normas que as colocam em posição social inferior a dos homens. Na classe média, pesquisas constataram que as mulheres adultas evitam usar formas não usuais, para que não sejam associadas a estereótipos de classe social inferior. O que não é o caso da pesquisa analisada com mulheres jovens, uma vez que todas as meninas pertencem ao mesmo nível socioeconômico.

Uma variação é considerada estável quando as diferenças nas frequências e nas probabilidades entre as categorias não são significativas. Uma variação estável pode ter mudanças conscientes que podem ser formas de prestígio ou formas estigmatizadas, ou podem ter baixo nível de consciência quando a variação não faz nenhuma diferença. Há casos em que a variável estável pode ser interpretada como mudança. Partindo da premissa de que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio do que os homens na situação da variável estável, o seu comportamento deveria ser interpretado como índice de mudança ou de variação plena se considerarmos que enquanto elas mantêm viva a forma de prestígio, eles, os homens, tendem à inovação.

Aluno 9 “Cunversoooo pode sê sobri as gurias... podsê... sobri u colégiu também, sobrias notas, agora n findouanu, tchovê... sob sei lá, saí di noitch, sas coisa assim, uqui a agenti vai fazê. É maisissu que a genti cunversa.” (17 anos)

Enquanto mulheres e homens mais velhos se distinguem quanto ao uso linguístico, as pesquisadoras consideram que os jovens tendem a se nivelar linguisticamente. Tal consideração se deve ao fato de que o resultado da pesquisa, ao fazer a análise comparativa das diferentes variantes relacionadas à categoria gênero/sexo feminino e masculino dos sujeitos, apontou para variações linguísticas pouco discrepantes.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Petter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The handbook of language variation and change*. Malden: Blackwell, 2004.
- CHESHIRE, Jenny. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Petter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.
- DEUCHAR, Margareth. In: HOLMES, Janet. *Women, men and politeness*. New York: Longman, 1995.
- ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. *Language and gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LABOV, Willian. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1991.
- NARO, Anthony J. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PAIVA, Maria Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PAIVA, Maria Conceição; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Retrospectiva Sociolinguística: Contribuições do Peul*. DELTA, v.15, special issue, São Paulo, 1999.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira Silva; OLIVEIRA, Giselle M. de (Org.) *Padrões sociolinguísticos – análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. *Shifting control: the use of agreement in written language*. Annual Meeting of the

Michigan Linguistic Society. East Lansing: Michigan State University, Department of Linguistics and Germanic, Slavic, Asian & African Languages, 1993.

SEVERO, Cristine Gorski. *O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança*. Disponível em <http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/8cristine.htm>. Acesso em 07 de jun. 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática. 1990.

